

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

O discipulado cristão: O radicalismo de Jesus ao chamar seus discípulos

Robson Luiz Romano

SÃO PAULO
2026

Robson Luiz Romano

O discipulado cristão: O radicalismo de Jesus ao chamar seus discípulos

Trabalho de Pesquisa para a Conclusão de
Curso apresentado como requisito final no
Curso de Bacharel em Teologia da Faculdade
Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Me. Marcos de Almeida

SÃO PAULO
2026

FICHA CATALOGRÁFICA

Romano, Robson Luiz.

O discipulado cristão: o radicalismo de Jesus ao chamar seus discípulos /
Robson Luiz Romano. – São Paulo: 2026.

32 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) -
Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Me. Marcos de Almeida

1. Discipulado. 2. Cristianismo. 3. Jesus Cristo. 4. Bíblia e teologia. 5.
Chamado. Título. II. Almeida, Marcos de.

CDD 248

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Robson Luiz Romano

**O discipulado cristão: O radicalismo de Jesus ao chamar
seus discípulos**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Marcos de Almeida - Orientador

Joerley Orlando de Oliveira Cruz – Leitor

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sua graça, cuidado, direção e por sua Palavra, que foi fonte de força, aprendizado e sustento durante toda esta caminhada. Sem Ele, nada disso seria possível.

Agradeço à minha família, pelo apoio, paciência, incentivo e compreensão em todos os momentos, principalmente nas dificuldades enfrentadas ao longo desta pesquisa.

Também agradeço aos professores e orientadores, pelos ensinamentos, orientações e contribuições importantes para minha formação acadêmica e teológica.

Sou grato aos autores John Stott e Jonas Madureira, cujas obras contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento deste trabalho e para o aprofundamento do meu conhecimento sobre o discipulado cristão.

Finalizando, agradeço com carinho aos meus pastores, pelo cuidado, atenção, conselhos, orações e apoio espiritual durante esta caminhada. Suas palavras, ensinamentos e dedicação foram muito importantes para meu crescimento espiritual e pessoal.

"Quando Cristo chama um homem, ele o
convida a vir e morrer."

(Dietrich Bonhoeffer, O custo do discipulado).

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma reflexão bíblica e teológica sobre o discipulado radical de Jesus, analisando seus fundamentos, princípios e desafios na vida cristã contemporânea. A pesquisa compreende o discipulado como um processo contínuo de transformação espiritual, obediência e compromisso com Cristo. Inicialmente, aborda o conceito bíblico de discipulado a partir das Escrituras do Novo Testamento, destacando o chamado de Jesus ao seguimento, à comunhão e à permanência em sua Palavra. Em seguida, analisa princípios essenciais do discipulado cristão, como a imitação de Cristo, a renúncia pessoal, a obediência, a transformação espiritual e a missão. A pesquisa também discute os desafios de um discipulado profundo diante da superficialidade da fé contemporânea, refletindo sobre o custo de seguir Jesus e a necessidade de compromisso verdadeiro com seus ensinamentos. Além da fundamentação bíblica, são utilizadas contribuições teóricas de John Stott e Jonas Madureira acerca do discipulado cristão. Conclui-se que o discipulado bíblico vai além do conhecimento teórico, envolvendo uma transformação integral da vida, conduzida pelo Espírito Santo e manifestada em uma vivência prática semelhante ao caráter de Cristo.

Palavras-chave: Discipulado radical; Jesus Cristo; Transformação espiritual; Missão cristã; Vida cristã.

ABSTRACT

This research presents a biblical and theological reflection on the radical discipleship of Jesus, analyzing its foundations, principles, and challenges in contemporary Christian life. The research understands discipleship as a continuous process of spiritual transformation, obedience, and commitment to Christ. Initially, it addresses the biblical concept of discipleship from the New Testament Scriptures, highlighting Jesus' call to following, communion with, and abiding in His Word. Then, it analyzes essential principles of Christian discipleship, such as imitating Christ, personal renunciation, obedience, spiritual transformation, and mission. The research also discusses the challenges of deep discipleship in the face of the superficiality of contemporary faith, reflecting on the cost of following Jesus and the need for true commitment to His teachings. In addition to biblical foundations, theoretical contributions from John Stott and Jonas Madureira on Christian discipleship are used. It concludes that biblical discipleship goes beyond theoretical knowledge, involving an integral transformation of life, guided by the Holy Spirit and manifested in a practical experience similar to the character of Christ.

Keywords: Radical discipleship; Jesus Christ; Spiritual transformation; Christian mission; Christian life.

Sumário

<i>Introdução</i>	10
<i>Capítulo 1: Princípios teológicos do discipulado</i>	11
1.1 O fundamento da fé cristã	11
1.2 O termo discipulado	12
1.3 A base do ensino e obediência	14
<i>Capítulo 2: Os desafios do discipulado</i>	15
2.1 O custo do discipulado	16
2.2 O compromisso do discipulado	18
2.3 A formação contínua	20
<i>Capítulo 3: Modelos, estratégias e orientações do discipulado</i>	23
3.1 Modelo do discipulado	24
3.1.1 Ser como Cristo em seu serviço	24
3.1.2 Ser como Cristo em seu amor	25
3.2 Estratégias do discipulado	26
3.2.1 Ser como Cristo em sua longanimidade	26
3.2.2 Ser com Cristo em sua missão.	27
3.3 Prática do discipulado	28
3.3.1 Semelhança com Cristo e o desafio do evangelho.	28
3.3.2 A multiplicação de discípulos em todo o mundo	29
<i>Considerações Finais</i>	31
<i>Referenciais bibliográficos</i>	32

Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar uma reflexão bíblica e teológica sobre o discipulado radical de Jesus, analisando seus fundamentos, princípios e desafios na vida cristã atual. A pesquisa parte da compreensão de que o discipulado radical é um elemento essencial da fé cristã e não deve ser entendido apenas como participação religiosa, mas como um processo contínuo de transformação, obediência e aproximação com Cristo.

Inicialmente, a pesquisa busca compreender o conceito bíblico de discipulado radical a partir das Escrituras do Novo Testamento, destacando o chamado de Jesus para segui-lo, permanecer em sua Palavra e viver em comunhão com Ele. Em seguida, são apresentados os principais princípios do discipulado cristão, como a imitação de Cristo, a renúncia pessoal, a obediência, a comunhão, a transformação espiritual e a missão.

Depois, a pesquisa aborda os desafios e as dificuldades de viver um discipulado verdadeiro, refletindo sobre o custo de seguir Jesus, a superficialidade da fé e a necessidade de compromisso com os ensinamentos de Cristo. Para isso, são utilizadas contribuições de autores como John Stott e Jonas Madureira, relacionando suas ideias com os ensinamentos bíblicos.

Por fim, a pesquisa apresenta orientações práticas para um discipulado mais profundo e comprometido, enfatizando a importância de se tornar semelhante a Cristo em atitudes como amor, serviço, perseverança e missão. Assim, esta pesquisa procura demonstrar que o discipulado bíblico vai além do conhecimento teórico, sendo uma transformação verdadeira da vida, conduzida pelo Espírito Santo e vivida em compromisso com Cristo e com o Reino de Deus, segundo os autores John Stott e Jonas Madureira.

Capítulo 1: Princípios teológicos do discipulado

O conceito bíblico e os princípios teológicos do discipulado de Jesus em Mateus 28.19, se pauta nesse imperativo: “Fazei discípulos”. E em verdade, os termos, discípulos e discipulado, foram tão profundamente associados ao ministério de Jesus, que, para os primeiros cristãos, o termo “discípulo” tornou-se basicamente sinônimo de “cristão”. (Madureira, 2019, p. 23).

O discipulado cristão é compreendido como um processo contínuo de formação espiritual, no qual o indivíduo passa a viver conforme os ensinamentos de Cristo. O termo o termo "discipulado" é tratado de forma direta, focando na relação de aprendizado e no conjunto de seguidores. Diz respeito à condição de discípulo, do tempo durante o qual se é discípulo e do conjunto de discípulos (Ferreira, 1986, p. 596). E essa formação, envolve aspectos tais como obediência, renúncia, e compromisso ético, sendo discutida por teólogos contemporâneos, como, por exemplo, Jonas Madureira e John Stott.

1.1 O fundamento da fé cristã

O discipulado de Jesus constitui um dos fundamentos centrais da fé cristã, sendo apresentado no Novo Testamento como um processo de formação integral do indivíduo. Esse processo envolve não apenas a assimilação de ensinamentos, mas uma transformação profunda da vida, marcada pela obediência, renúncia e compromisso com os valores do Reino de Deus.

Nos Evangelhos, o discipulado tem início com o chamado direto de Jesus (Mt 4.19), (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1450), implicando uma resposta prática e contínua. Nesse sentido, o discipulado não se limita à adesão intelectual, mas envolve participação ativa na missão de Cristo. Conforme Madureira, o discipulado está diretamente relacionado à imitação de Jesus: “O discipulado cristão refere-se ao ato de seguir Jesus (imitar Cristo) e também, ao ato de ajudar alguém a segui-lo” (Madureira, 2019, p. 25).

Além disso, o discipulado apresenta uma dimensão relacional, conforme Marcos 3.14, onde os discípulos são chamados “para estarem com Ele” (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1512). Essa convivência evidencia que a formação espiritual ocorre por meio do relacionamento com Cristo. Nesse contexto, Madureira (2019) afirma que a

transformação do discípulo está fundamentada no exemplo de Jesus: “a base de sustentação dessa mudança é a imitação de Jesus” (Madureira, 2019, p. 24).

Outro aspecto essencial do discipulado é o ensino prático. Em João 13.14-15, (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1651). Jesus demonstra, por meio do serviço, o modelo a ser seguido. Tal princípio reforça que o discipulado envolve não apenas ouvir, mas reproduzir o comportamento de Cristo. O teólogo Franklin Ferreira diz que o discipulado, como imitação de Cristo, vai além da teoria, mas submissão à Cristo. O discipulado não é passivo, somente ouvir, mas ativo, no sentido de reproduzir (Ferreira, 2012, p. 26).

O discipulado também se caracteriza pela renúncia. Em Lucas 9:23, (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1578) Jesus estabelece a necessidade de negar a si mesmo como condição para segui-lo. Essa exigência revela o caráter sacrificial do discipulado.

1.2 O termo discipulado

O contexto cristão, em geral, faz uso da palavra “discipulado”, apresentando dois sentidos. Um é o ato de seguir Jesus (imitar a Cristo); o outro, ao ato de ajudar alguém a seguir a Jesus (ajudar outros a imitarem Cristo) (Madureira, 2019, p.24).

Do ponto de vista teológico, o discipulado visa a formação do caráter cristão. Trata-se de um processo contínuo de transformação que leva o indivíduo a refletir a vida de Cristo.

Por fim, o discipulado possui uma dimensão missionária, conforme Mateus 28.19-20, (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1501). O chamado de Jesus inclui a responsabilidade de formar novos discípulos, evidenciando que o discipulado é um processo multiplicador.

Dessa forma, o discipulado de Jesus, à luz das Escrituras e da reflexão teológica de Madureira (2019), é compreendido como um processo que envolve imitação de Cristo, renúncia, obediência, relacionamento e missão, resultando na formação de uma vida plenamente comprometida com os princípios do Evangelho.

O discipulado cristão, à luz da reflexão teológica de John Stott, constitui um chamado à vivência autêntica da fé em Cristo, caracterizado por uma profunda coerência entre crença e prática. Em sua obra *O Discípulo Radical*, Stott (2011) enfatiza que o discipulado não pode ser reduzido a uma adesão nominal ao cristianismo, mas deve ser compreendido como uma resposta integral ao chamado de Jesus.

Nesse sentido, o conceito bíblico de discipulado está diretamente relacionado à decisão de seguir a Cristo em todas as dimensões da vida. Tal compreensão encontra fundamento nos ensinamentos de Jesus nos Evangelhos, especialmente no chamado ao compromisso total, conforme expresso em Lucas 9:23, (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1578), onde se estabelece a necessidade de negação de si mesmo. Para Stott (2011), esse chamado revela o caráter exigente do discipulado, que não admite superficialidade: “O discípulo de Jesus é chamado a não se conformar com este mundo” (Stott, 2011, p.13-14).

A partir dessa perspectiva, o discipulado assume um caráter contra cultural. O discípulo é convocado a viver de maneira distinta dos padrões sociais predominantes, refletindo os valores do Reino de Deus. Essa postura implica uma transformação ética e espiritual, evidenciada por atitudes que expressam fidelidade aos ensinamentos de Cristo. Outro princípio teológico destacado por Stott (2011) é a centralidade da obediência. O discipulado verdadeiro se manifesta na prática dos mandamentos de Cristo, não sendo suficiente apenas professar a fé. Nesse contexto, o autor ressalta que a autenticidade do discípulo é evidenciada por sua conduta: “O discipulado radical é caracterizado por simplicidade.” (Stott, 2011, p. 54).

Além disso, Stott (2011) enfatiza que o discipulado envolve uma vida de simplicidade, em contraste com o materialismo e o consumismo presentes na sociedade contemporânea. Essa simplicidade não se limita ao aspecto financeiro, mas reflete uma vida orientada por prioridades espirituais.

Outro aspecto relevante é o compromisso com o serviço. O discipulado, segundo Stott (2011), implica dedicação ao próximo, evidenciando que a fé cristã deve se expressar em ações concretas de amor e justiça. Tal princípio está em consonância com os ensinamentos de Jesus, que demonstrou, por meio de suas ações, a importância do serviço como expressão do Reino de Deus.

O discipulado também envolve maturidade espiritual. Para Stott (2011), o crescimento do discípulo é um processo contínuo, no qual há desenvolvimento progressivo na fé, no caráter e na prática cristã. Esse crescimento está diretamente relacionado à permanência nos ensinamentos de Cristo e à aplicação prática da Palavra. O que crê é obediente e somente o que de fato obedece, é o que crê. Isso diz Bonhoeffer, que a obediência é o passo que coloca o discípulo na permanência com Cristo. A fé é o passo da obediência prática. Assim, discípulo cresce no exercício contínuo de ouvir a Palavra (Bonhoeffer, 2016, p. 42).

Dessa forma, observa-se que, segundo John Stott (2011), o discipulado cristão é caracterizado por elementos fundamentais como inconformidade com o mundo, obediência, simplicidade, serviço e maturidade espiritual. Esses princípios evidenciam que o discipulado é um chamado à transformação integral, no qual o indivíduo passa a viver de maneira coerente com os valores do Evangelho.

1.3 A base do ensino e obediência

O fundamental em todo discipulado é a decisão de não somente tratar Jesus com títulos honrosos, mas seguir seu ensino e obedecer aos seus mandamentos segundo Stott (Stott, 2011, P.113).

Segundo Madureira, ser modelo para os fiéis é escolher imitar a Cristo, ou seja, fazer de Jesus o modelo para a vida, e não apenas para os fins de semana. Isso vai causar a admiração das pessoas justamente porque seu objetivo não é ser modelo para ser reconhecido, mas ser modelo para Cristo ser visto. (Madureira, 2019, p,90). Observa-se que, embora partam de abordagens distintas, Madureira (2019) e Stott (2011) convergem ao afirmar que o discipulado cristão não admite superficialidade. Enquanto Madureira enfatiza a imitação de Cristo como fundamento do discipulado, Stott destaca seu caráter contra cultural e ético. Ambos, entretanto, apontam para a necessidade de uma transformação integral da vida, evidenciada na prática da obediência e no compromisso com a missão cristã.

Capítulo 2: Os desafios do discipulado

O autor fala sobre desafios colocando como “custo”, referindo-nos à capacidade que temos de calcular perdas e ganhos com vistas a uma tomada de decisão.

A expressão, “decisão”, pode ser compreendida como toda e qualquer situação em que não importa qual seja a escolha, haverá perdas e ganhos. Neste caso, calcular o custo (desafios) é tomar consciência do que vamos perder ou ganhar em determinada decisão.

O fato é que as pessoas calculam custos o tempo todo, pois sempre estão decidindo. Isso é assim até mesmo quando não decidem. “Afinal, não decidir também é uma decisão”. (Madureira, 2022, p,26).

O estudo apresentado por Madureira provoca uma reflexão que pode ser considerada bastante pertinente para a análise do comportamento humano diante das escolhas. Ao tratar os desafios como “custo”, o autor amplia o conceito tradicional, levando-o para uma dimensão mais existencial, em que decidir não é apenas optar, mas assumir conscientemente as implicações dessa escolha.

A lógica desse raciocínio demonstra que a decisão, conforme proposta, não pode ser vista como um ato isolado, mas como um processo contínuo de avaliação. A ideia de que sempre haverá perdas e ganhos me parece fundamental, pois rompe com a expectativa, muitas vezes ilusória, de decisões perfeitas. Nesse sentido, concordo que calcular o custo é, antes de tudo, reconhecer limites e possibilidades, o que exige maturidade analítica.

O aprofundamento dessa discussão mostra que a afirmação de que “não decidir também é uma decisão” carrega um peso teórico relevante. Isso porque desloca a omissão do campo da neutralidade para o campo da responsabilidade. A ausência de ação, portanto, não elimina consequências; ao contrário, pode potencializá-las, o que reforça a necessidade de uma postura consciente diante das escolhas.

O dialogar com essa perspectiva resulta na reflexão de que o cálculo de custos não deve ser interpretado apenas como um mecanismo racional, mas também como um exercício de consciência. Há elementos subjetivos envolvidos — valores, crenças e objetivos pessoais — que influenciam diretamente a forma como cada indivíduo percebe perdas e ganhos.

A análise desta dimensão conduz à consideração de que, a contribuição do autor, reside justamente em provocar esse deslocamento de olhar: decidir deixa de ser apenas escolher entre alternativas e passa a ser um ato de responsabilidade diante da própria trajetória. Dessa forma, o cálculo dos custos se configura não como um obstáculo, mas como uma ferramenta indispensável para decisões mais conscientes e coerente.

2.1 O custo do discipulado

A pergunta aqui é? Qual é a responsabilidade diante este custo? No texto do evangelista Lucas 14.25 a 33, o Senhor Jesus responde a esta pergunta: “E iam com ele grandes multidões; e voltando-se , disse-lhes:

Se algum homem vier a mim, e não aborrecer seu pai, e mãe, e esposa, e filhos, e irmãos, e irmãs, sim e também a sua própria vida, ele não pode ser meu discípulo. E quem não carregar a sua cruz, e não vir após mim, não pode ser meu discípulo. (Bíblia King James 1611, 2022, p.1591).

Esse texto propõe a base do ato de seguir Jesus, o qual pressupõe três demandas: um certo tipo de amor, de sofrimento e de desapego. No discipulado, estas três demandas não podem ser preteridas. Isso significa que a ausência de uma delas desqualifica o discipulado. Para justificar, o autor pede para observar detidamente as três demandas presentes, de forma clara no discurso de Jesus:

26 Se algum homem vier a mim, e não aborrecer seu pai, e sua mãe, e sua esposa, e irmãos, e irmãs, sim e também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo.

27 E quem não carregar a sua cruz, e não vir após mim, não pode ser meu discípulo (...)

33 Assim, pois qualquer de vós que não renunciar a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo. (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1591).

Em todos estes versículos estão destacados os motivos que impedem o discipulado ou o ato de seguir Jesus, estão explícitos. A chave para encontrar esses motivos está na conclusão dos versículos: “Não pode ser meu discípulo.” Quem não pode ser discípulo? Todo aquele que prescindir de qualquer uma das três demandas indicadas por Jesus., (Madureira, 2022, p,29-30).

A leitura de Evangelho de Lucas me leva a compreender que o “custo” do discipulado não é simbólico ou superficial, mas profundamente relacional e existencial.

Ao analisar o texto, percebo que Jesus não está propondo rejeição literal da família, mas uma reordenação radical de prioridades, onde Ele ocupa o lugar central acima de tudo.

A exigência do “aborrecer”, conforme aparece no discurso, me soa como uma linguagem de contraste, típica do contexto bíblico, indicando um amor comparativamente maior por Cristo. Ao refletir sobre isso, entendo que o discipulado exige um amor que relativiza todos os outros vínculos, inclusive o amor à própria vida.

A menção de “carregar a cruz” me conduz à ideia de sofrimento consciente e voluntário. Ao pensar nisso, vejo que não se trata apenas de dificuldades inevitáveis, mas de uma disposição de assumir as consequências de seguir Jesus, mesmo quando isso implica dor, rejeição ou renúncia.

A chamada à renúncia total, apresentada no versículo 33, reforça para mim a dimensão do desapego. Percebo que o discipulado, nessa perspectiva, não admite parcialidade; ele exige integralidade, o que torna o custo elevado, porém coerente com a proposta de transformação plena.

A conclusão que tiro é que essas três demandas — amor, sofrimento e desapego — não são opcionais, mas estruturais. Ao refletir pessoalmente, entendo que qualquer tentativa de seguir Jesus sem uma delas compromete a essência do discipulado, tornando-o incompleto.

Jesus tinha muitos seguidores. Mas será que todos que o seguiam eram realmente seus discípulos? Muitos o seguiram mais por interesse e curiosidade do que por consciência do discipulado e dos seus custos.

A curiosidade pode até despertar interesse pelo discipulado, mas não é suficiente para constituí-lo. Se o seguidor não é consciente das demandas do discipulado então não é capaz de avaliar adequadamente este custo (desafio). A grande multidão é o exemplo mais escandaloso de que é possível seguir Jesus sem compromisso, ou seja, sem levar em consideração o custo do discipulado. Por outro lado, é óbvio que Jesus não estava interessado nas multidões como hoje um youtuber está interessado nos zilhões de seguidores de seu canal e de suas redes sociais.

A procura de Jesus era por “comprometimento” e não meramente por números. Sua busca maior foi por discípulos comprometidos com ele e com seu ensino. Por isso, Jesus fez uma exortação àquela multidão sobre a necessidade da consciência do custo (desafio) do discipulado. O anonimato é o que faz de qualquer multidão um lugar confortável para aqueles que desejam seguir Jesus sem compromisso. Naquele tempo de Jesus e também hoje, associar-se a Jesus significava enfrentar uma reação negativa, e que

frequentemente começava em casa, na família e poderia facilmente tornar-se uma oposição sistemática dos líderes religiosos como os fariseus e os escribas, por exemplo.

Por isso muitos evitavam identificar-se com Jesus e seus ensinamentos, pois poderiam ser rejeitados por seus próprios familiares e pela comunidade religiosa. Entretanto, para seguir Jesus, de acordo com os termos que ele estabelecera, era necessário sair do anonimato. Era preciso comprometer-se publicamente. Ou seja, teria que mostrar o rosto. É preciso sair das sombras.

Na grande multidão, estavam aqueles que queriam seguir Jesus segundo seus próprios termos. Trata-se de nossa terrível mania de querer “resignificar” conceitos que ofendem nosso amor-próprio. Resignificamos com a finalidade única de favorecer objetivos pessoais. (Madureira, 2022, p. 32-36). O argumento de Madureira me faz perceber que nem todo seguidor é, de fato, discípulo; muitos caminham por interesse, não por compromisso.

2.2 O compromisso do discipulado

O argumento de Madureira conduz ao reconhecimento de que a distinção entre seguidor e discípulo é mais profunda do que aparenta; nem todo aquele que acompanha Jesus está disposto a assumir o compromisso que o discipulado exige. A multidão descrita no Evangelho de Lucas evidencia essa realidade, pois revela pessoas atraídas por interesse, curiosidade ou benefícios imediatos, mas não necessariamente conscientes do custo envolvido em segui-lo de forma autêntica. E a curiosidade, embora possa ser um ponto de partida legítimo, não sustenta uma caminhada consistente; sem consciência das demandas, o indivíduo não consegue avaliar perdas e ganhos, permanecendo em um nível superficial de relação com Jesus.

Mas, o anonimato surge como um espaço confortável, onde é possível estar próximo sem assumir identidade; ainda assim, percebo que esse tipo de postura contraria o chamado de Jesus, que exige posicionamento claro e comprometido.

A possibilidade de rejeição, especialmente no âmbito familiar e religioso, ajuda a explicar por que muitos evitam esse compromisso público; seguir Jesus, naquele contexto e ainda hoje, implica enfrentar tensões reais. Por fim, a tendência humana de resignificar os ensinamentos para torná-los mais aceitáveis revela uma resistência ao custo do discipulado; nesse sentido, compreendo que seguir Jesus exige não adaptar a mensagem aos próprios interesses, mas ajustar a própria vida aos termos estabelecidos por Ele.

As palavras “cristão e discípulo”, implicam relacionamento com Jesus. Porém discípulo talvez seja mais forte, pois inevitavelmente implica relacionamento entre aluno e professor. Durante os três anos de ministério público, os doze foram discípulos antes de serem apóstolos, e como discípulos estavam sob a instrução de seu Mestre e Senhor (Stott, 2011, p, 10-11).

A reflexão proposta por John Stott acerca da distinção entre os termos “cristão” e “discípulo” evidencia uma contribuição relevante para a compreensão teológica do seguimento de Jesus. Segundo o autor, embora ambos os termos impliquem relacionamento com Cristo, “discípulo” apresenta maior densidade semântica, por pressupor uma relação formativa entre mestre e aprendiz, marcada por ensino, submissão e transformação contínua (Stott, 2011, p. 10-11).

Nessa perspectiva, observa-se que o discipulado, conforme descrito nos Evangelhos, antecede e fundamenta o apostolado. Os doze foram inicialmente chamados para estar com Jesus, participar de sua vida e receber sua instrução, antes de serem enviados em missão. Tal dinâmica reforça a compreensão de que o discipulado não se configura apenas como uma etapa inicial da fé cristã, mas como um processo contínuo de formação espiritual e prática.

Entretanto, ao dialogar criticamente com o autor, é possível ampliar sua argumentação ao considerar que o termo “cristão”, embora possa parecer menos exigente em sua formulação, não deve ser compreendido de maneira reducionista. Conforme registrado na Bíblia, especialmente em Atos 11:26, a designação “cristão” emerge como expressão de identidade e pertencimento à comunidade dos seguidores de Cristo. Assim, mais do que uma simples nomenclatura, o termo carrega implicações públicas, éticas e comunitárias.

Dessa forma, propõe-se que “discípulo” e “cristão” não sejam entendidos como categorias excludentes, mas complementares. Enquanto o primeiro enfatiza o processo formativo e relacional com o Mestre, o segundo evidencia a identidade visível e o testemunho daquele que segue a Cristo. Ambos, portanto, convergem para uma compreensão integral da vida cristã, na qual identidade e prática se articulam de maneira indissociável.

2.3 A formação contínua

A ênfase de Stott no discipulado como elemento central da experiência cristã constitui uma crítica pertinente a formas superficiais de religiosidade. Sua abordagem convida à recuperação de um cristianismo mais comprometido com a formação contínua, no qual o seguimento de Cristo se expressa não apenas em termos identitários, mas sobretudo em uma vida moldada pelos ensinamentos e exemplo do Mestre.

Primeira barreira: O inconformismo, uma vez que a igreja tem uma dupla responsabilidade em relação ao mundo ao seu redor. Por um lado, devemos viver servir e testemunhar no mundo, por outro, devemos evitar não os contaminar por ele. Assim não devemos preservar nossa santidade fugindo do mundo, nem a sacrificar, conformando com ele.

Tanto o “escapismo quanto ao conformismo” são proibidos para nós. Este é um dos temas principais da Bíblia, ou seja, Deus está convocando um povo para si e o desafiando a ser diferente de todos.” sejam santos” diz Ele repetidamente ao seu povo, “Porque Eu sou santo”. (Lv 11-45; 1Pe 1.15-16). (Bíblia King James 1611, 2022, p. 178,1955) (Stott, 2011, p,13).

O argumento de John Stott acerca da distinção entre “cristão” e “discípulo” evidencia que o discipulado implica uma relação mais profunda, marcada por formação e submissão ao Mestre. De fato, como o próprio autor sugere, os doze foram primeiramente discípulos, sendo moldados antes de serem enviados, o que reforça a centralidade do processo formativo no seguimento de Cristo.

Entretanto, ao dialogar com Stott, é possível acrescentar que “cristão”, conforme a Bíblia (At 11:26), (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1697), também expressa identidade e testemunho público, não devendo ser entendido de forma superficial. Assim, ambos os termos se complementam: discipulado como processo e cristianismo como identidade visível.

No que se refere à “primeira barreira: inconformismo”, Stott apresenta uma tensão essencial: viver no mundo sem se conformar com ele. Concorde-se com o autor ao rejeitar tanto o escapismo quanto o conformismo, pois a vocação cristã é, simultaneamente, de presença e santidade. Como enfatiza a Escritura, o chamado à santidade (Lv 11:45; 1Pe 1:15-16), (Bíblia King James 1611, 2022, p. 178,1955), não implica isolamento, mas distinção. Nesse sentido, como o próprio Stott sugere, a igreja é convocada a manter um

equilíbrio: engajar-se no mundo sem perder sua identidade, refletindo, assim, o caráter santo de Deus.

Em Ezequiel 11.12, Deus critica seu povo dizendo:” Não andastes nos meus estatutos, nem executastes os meus juízos: antes fizestes segundo os juízos das nações que estão ao redor de vós. (Ez 11.12), (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1221), (Stott, 2011, p,14).

No que se refere à “primeira barreira: inconformismo”, John Stott explicita uma tensão constitutiva da vida cristã: estar no mundo sem se conformar com ele. Concorde-se com o autor ao rejeitar tanto o escapismo quanto o conformismo, uma vez que a vocação cristã envolve, simultaneamente, presença ativa e santidade. À luz da Bíblia (Lv 11:45; 1Pe 1:15-16), (Bíblia King James 1611, 2022, p. 178,1955), a santidade não aponta para isolamento, mas para distinção ética e espiritual.

Nesse horizonte, o texto de Ezequiel 11:12, (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1221), reforça e aprofunda a advertência apresentada por Stott, ao evidenciar o risco concreto da assimilação aos padrões das nações: o povo de Deus é repreendido por abandonar os estatutos divinos e adotar critérios externos. Ao dialogar com o autor, percebe-se que sua ênfase no inconformismo não é meramente preventiva, mas corretiva, pois denuncia a tendência recorrente do povo em diluir sua identidade. Assim, a crítica profética converge com a análise de Stott ao indicar que o verdadeiro discipulado exige fidelidade contra cultural.

Dessa forma, como o próprio Stott sugere, a igreja é chamada a sustentar um equilíbrio dinâmico: inserir-se no mundo para servir e testemunhar, sem, contudo, absorver seus valores de modo acrítico. Trata-se de uma tensão permanente, na qual a identidade do povo de Deus é preservada não pelo afastamento, mas pela obediência que reflete o caráter santo de Deus.

Capítulo 3: Modelos, estratégias e orientações do discipulado

Os modelos, estratégias e orientações práticas de um discipulado radical estão sustentado no princípio, numa primeira perspectiva, na Semelhança com Cristo. O fato é que Deus quer que o seu povo se torne como Cristo, pois semelhança com Cristo é a vontade de Deus para o seu povo. A Base bíblica para tal argumento está, primeiro, no texto do apóstolo Paulo aos Romanos, 8.29, no texto de 2 Coríntios 3.18 e, enfim, no texto de 1 João 3.2.

O primeiro texto é Romanos 8.29:

Para quem ele conheceu antes, ele também os predestinou para serem conformes à imagem de seu filho, para que ele pudesse ser o primogênito dentre muitos irmãos. Deus predestinou seu povo para serem conformes a imagem de seu filho. (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1753).

O contexto do Antigo Testamento revela que quando Adão caiu, perdeu muito, apesar de não tudo da imagem divina à qual ele havia sido criado. Porém, Deus a restaurou em Cristo. Conformidade a imagem de Deus significa ser como Jesus, e a semelhança com Cristo é o propósito eterno para o qual Deus nos predestinou.

O segundo texto, 2 Coríntios 3.18 afirma que:

E todos nós com o rosto desvendado, contemplando como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito. (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1804).

A perspectiva mudou – do passado para o presente – da predestinação eterna de Deus para a transformação que ele realiza em nós no presente por meio do seu Espírito Santo – do propósito eterno de Deus de nos fazer como Cristo para a obra histórica de nos transformar à imagem de Cristo mediante o seu Espírito.

O terceiro texto, 1 João 3.2 afirma que:

Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que quando ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque haveremos de vê-lo como Ele é. (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1977).

O Deus soberano está trabalhando com essa finalidade, o que não é surpresa que Ele os chame para cooperar com Ele. “Siga-me” diz Ele, “imite-me”. (Stott. 2011, p.24-25).

3.1 Modelo do discipulado

A dimensão da semelhança com Cristo apresenta, com consistência, o propósito central da ação redentora de Deus: conformar o seu povo à imagem de seu Filho. Este é o modelo do discipulado, a luz da Bíblia, textos como Romanos 8.29, 2 Coríntios 3.18 e 1 João 3.2, sustentam essa perspectiva ao articular passado (predestinação), presente (transformação) e futuro (glorificação).

O autor Stott mostra coerência em sua abordagem ao afirmar que a semelhança com Cristo não é opcional, mas finalidade divina. Contudo, pode-se enfatizar que essa conformidade envolve não apenas dimensão espiritual interna, mas também implicações éticas e práticas visíveis. Assim, como o próprio Stott sugere, a cooperação humana (“siga-me”, “imite-me”) não contradiz a ação divina, mas a evidência.

Desse modo, a semelhança com Cristo se configura como um processo integral: iniciado no propósito eterno de Deus, desenvolvido na experiência presente pelo Espírito e consumado na revelação futura, exigindo do discípulo não apenas contemplação, mas imitação concreta de Cristo. Há exemplos no Novo Testamento:

3.1.1 Ser como Cristo em seu serviço

O contexto do cenáculo apresenta Jesus passando a última noite com os discípulos. Durante a ceia, ele tirou a vestimenta de cima, cingiu-se com uma toalha, colocou água numa bacia e lavou os pés dos discípulos. Quando terminou, ele retomou seu lugar à mesa e disse:

Ora, se eu, sendo o Senhor E o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. (Jo 13.14 a 15). (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1651).

O fato é que alguns cristãos acatam a ordem de Jesus literalmente e muitas vezes fazem a cerimônia do lava-pés por ocasião da ceia do Senhor. E talvez eles estejam certos. Porém, a maioria, aplica a ordem culturalmente. Isso é, assim como Jesus fez o que, em sua cultura, era o trabalho de um escravo, nós, em nossa cultura, não devemos considerar nenhuma tarefa simples ou humilhante demais.

3.1.2 Ser como Cristo em seu amor

O apóstolo Paulo descreve: “E ainda em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave”. (Ef 5.2).” O “andar em amor” (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1844), é uma ordem para que todo o nosso comportamento seja caracterizado pelo amor. Já “entregar-se” por nós é uma clara referência à cruz. Assim, Paulo está nos incentivando a ser como Cristo em sua morte; a amar com o amor do Calvário. Percebe o que está acontecendo? Paulo está nos impelindo a ser como o Cristo da encarnação, o Cristo do lava-pés e o Cristo da Cruz.

Esses eventos indicam claramente o que significa, na prática, ser semelhante a Cristo. Por exemplo, no mesmo capítulo, Paulo estimula os maridos a amarem as esposas como Cristo amou a igreja e se deu por ela (Ef 5.25), (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1845) (Stott, 2011, p 26-27).

Ao refletir sobre esses exemplos, concordo com John Stott que a semelhança com Cristo se manifesta de forma concreta no serviço e no amor. À luz da Bíblia, o episódio do lava-pés (Jo 13.14-15), (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1651), não se limita a um rito, mas revela uma atitude: servir com humildade, sem considerar qualquer tarefa inferior. Assim, entendo, como o autor propõe, que o essencial não é apenas a prática literal, mas a disposição de assumir, em minha realidade, o lugar de servo.

Da mesma forma, ao tratar do amor em Efésios 5:2, (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1845), percebo que não se trata de um sentimento abstrato, mas de um amor sacrificial, moldado pela cruz. Nesse ponto, reconheço a força de sua argumentação: sou chamado não apenas a admirar Cristo, mas a imitá-lo — no serviço humilde, no amor que se entrega e na vida que reflete, de maneira prática, o caráter do próprio Cristo.

3.2 Estratégias do discipulado

O discipulado de Jesus apresenta uma certa. Estratégia, que se baseia em um modelo em que as pessoas devem estar e ser próximas, no que diz respeito ao relacionamento e, também, no que diz respeito à reprodução espiritual.

A prioridade é o investimento intensivo em pessoas, para se alcançar essa dimensão relacional, conduzindo ao conhecimento de Deus e de si mesmo. Em vez de focar apenas em mensagens públicas, Jesus tomou o cuidado de escolher doze discípulos para, simplesmente, "estarem com Ele".

O cotidiano foi o contexto do discipulado. Isto agiu como sala de aula para transmitir valores, caráter e autoridade por meio do exemplo prático. Esse tipo de postura se fundamentou na lógica de "ouvir, ver, fazer e delegar".

O fato é que Jesus, sim, ensinou a teoria, mas, ele a demonstrava na prática. Jesus, o mestre por excelência, acompanhava os discípulos em suas primeiras tentativas. E, então, passou a enviá-los sob uma Grande Comissão, de modo que pudessem repetir o processo. Isso garantiu que o Evangelho se expandisse de forma extraordinária, e, ainda, de modo autossustentável através das diversas gerações.

3.2.1 Ser como Cristo em sua longanimidade

O ensino de Pedro se destaca aqui, e não o ensino de Paulo. É importante perceber que todos os capítulos da primeira carta de Pedro falam do sofrimento de Cristo, pois o contexto da carta é o começo da perseguição.

Por exemplo, o capítulo 2, em especial, lemos que o apóstolo Pedro incentiva os escravos cristãos (se punidos injustamente) a suportar o sofrimento sem pagar o mal com o mal (1 Pe 2.18), (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1957). Somos chamados a agir assim porque Cristo também sofreu, deixando-nos o exemplo para que sigamos seus passos (1 Pe 2.21), (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1957). Tal chamado à semelhança com Cristo no sofrimento injusto pode se tornar cada vez mais significativo em muitas culturas nas quais a perseguição tem crescido.

O ensino do apóstolo Paulo e do apóstolo Pedro nos ajuda a observar que o ensino de Jesus está presente, também, no registro do apóstolo João (Jo 17.18; 20.21), (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1657,1665). Em oração, Jesus diz ao pai: “Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os envie ao mundo”; e, ao comissioná-los, ele diz: “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio”.

Estas palavras têm um significado profundo. Não se trata apenas da versão da Grande Comissão registrada no Evangelho de João; é também uma instrução para que a missão dos discípulos se assemelhasse à de Cristo. Em que sentido?

3.2.2 Ser com Cristo em sua missão.

As palavras-chave são “enviei ao mundo”. Isto, é, como Cristo teve de entrar em nosso Mundo, nós também precisamos entrar no mundo de outras pessoas. Essa entrada

no mundo de outras pessoas é exatamente o que queremos dizer por missão encarnacional - e toda missão autêntica é encarnacional. (Stott, 2011, p.28-29).

Ao refletir sobre a longanimidade, compreendo que a semelhança com Cristo também se manifesta na forma como o discípulo lida com o sofrimento injusto. Conforme ensina a Bíblia (1Pe 2:18-21), o exemplo de Cristo não aponta para a retribuição do mal, mas para uma postura de perseverança e confiança em Deus. Nessa perspectiva, entendo que o sofrimento, quando enfrentado à maneira de Cristo, torna-se parte do processo formativo do discípulo, exigindo uma resposta marcada pela graça e não pela retaliação (Stott, 2011, p. 28).

No que se refere à missão, percebo que o envio dos discípulos, conforme registrado em João 17:18 e 20:21, (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1657,1665),vai além de uma simples tarefa a ser cumprida. Trata-se de um chamado para reproduzir o próprio modelo de Cristo, que se inseriu na realidade humana para cumprir sua obra. Assim, compreendo que a missão cristã envolve proximidade, identificação e envolvimento com o contexto das pessoas, caracterizando-se como uma prática essencialmente encarnacional. Desse modo, mais do que anunciar uma mensagem, o discípulo é desafiado a viver de forma coerente com ela, tornando visível, em sua prática, o caráter de Cristo (Stott, 2011, p. 28-29).

Aqui estão as cinco principais maneiras pelas quais devemos nos assemelhar a Cristo: em sua encarnação, em seu serviço, em seu amor, em sua longanimidade e em sua missão.

3.3 Prática do discipulado

A semelhança com Cristo conduz à compreensão do ministério do Sofrimento. O conceito em Cristo do assunto do sofrimento é vasto e, portanto, os cristãos tentam entendê-lo de muitas formas. Porém, a que se destaca é a que diz que o sofrimento é parte do processo de Deus para nos fazer como Cristo. Seja um desapontamento ou uma frustração, precisamos vê-los à luz de Romano 8.28-29. De acordo com Romanos 8.28, Deus está sempre trabalhando para o bem de seu povo, de acordo com Romanos 8.29, (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1753), esse bom propósito é nos fazer como Cristo.

3.3.1 Semelhança com Cristo e o desafio do evangelho.

A questão que se destaca aqui é: Por que nossos esforços evangelísticos são frequentemente desastrosos? Há várias razões, e não posso simplificar, mas uma das principais é que não parecemos com o Cristo que proclamamos. O autor já discorreu bastante sobre semelhança com Cristo, mas como ela é possível para nós? Claramente não é pela nossa própria força, já que Deus nos deu seu Espírito Santo para nos capacitar a cumprir seu propósito. O propósito de Deus é nos fazer como Cristo. E a forma como ele faz isso é nos enchendo com o seu Espírito Santo. Ao considerar essas cinco dimensões da semelhança com Cristo, percebo, em diálogo com John Stott, que não se trata apenas de um ideal teológico, mas de um padrão concreto para a vida cristã, que envolve toda a existência do discípulo — desde a maneira como se relaciona com Deus até sua atuação no mundo.

Stott reforça na ideia de que a missão está em Jesus, como Verbo que se fez carne, a proclamação deve se fazer vida no discípulo. Diz ele que o problema não está no conteúdo da mensagem (o Evangelho), mas na essência entre o mensageiro e o Mestre (Stott, 2010, p. 34). Wright diz que a ética do discípulo é a verdadeira estratégia evangelística. A imitação de Cristo é o ponto, e sem isso o esforço humano é vazio. Assim, ele tira o foco da metodologia desastrosa e coloca na falha ontológica (quem somos vs. o que dizemos) (Wright, 2012, p. 488)

No que diz respeito ao sofrimento, não pode ser visto apenas como algo negativo ou sem propósito. À luz da Bíblia (Rm 8.28-29), (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1753), entendo que Deus utiliza até mesmo as experiências difíceis como instrumento de formação espiritual. Nesse sentido, concordo com a ênfase do autor de que o sofrimento pode cooperar no processo de nos tornar semelhantes a Cristo, moldando nosso caráter e aprofundando nossa dependência de Deus.

Quanto ao desafio do evangelismo, reconheço a pertinência da observação de Stott ao apontar que há incoerência quando a mensagem anunciada não corresponde à vida de quem a proclama. Isso me leva a refletir que a eficácia do testemunho cristão não está apenas nas palavras, mas na autenticidade de uma vida transformada. Assim, anunciar Cristo exige também refletir seu caráter de maneira visível.

Por fim, ao pensar sobre a ação do Espírito Santo, compreendo que a semelhança com Cristo não é resultado de esforço meramente humano. Como o autor destaca, é o próprio Deus quem opera essa transformação, mediante a presença e atuação do Espírito.

Dessa forma, entendo que o discipulado envolve cooperação com a ação divina, permitindo que o Espírito forme, progressivamente, em nós o caráter de Cristo.

3.3.2 A multiplicação de discípulos em todo o mundo

O crescimento fenomenal da igreja em várias partes do mundo é realidade. Por exemplo, a igreja na China cresceu pelo menos cem vezes desde a metade do século 20. Hoje, mais cristãos adoram a Deus todos os domingos na China do que em todas as igrejas da Europa Ocidental juntas.

A mesmo tempo não podemos, ou não devemos ceder ao triunfalismo, pois na maioria dos casos trata-se de crescimento sem profundidade. A superficialidade no discipulado existe em todos os lugares, e os líderes eclesiásticos lamentam essa situação. O impressionante é a declaração feita em abril de 2006 em Los Angeles, por Cao Shengjie, na época Presidente do Conselho Cristão Chinês:

Alguns dizem que a igreja está indo bem, quando há crescimento numérico [...] e queremos ver pessoas sendo acrescidas à igreja todos os dias. Porém, não estamos buscando apenas números, mas que o aumento dos números, corresponda à confirmação de fé da igreja.

Essa citação de um líder de um país em desenvolvimento é suficiente para mostrar que “crescimento sem profundidade”, ou crescimento estatístico sem o desenvolvimento de um discipulado, não é uma conclusão imposta pelo resto do mundo - é a visão dos próprios líderes. Essa situação é seria, porque desagrada a Deus. Os apóstolos cujas cartas encontramos no Novo Testamento, censuraram seus leitores pela imaturidade deles, e os impeliram a se tornarem adultos (maduros) (Stott, 2011, p. 33-35)

Em 1 Coríntios 3.1-3, Paulo crítica a igreja de Corinto.

E eu, irmãos, não pude falar a vós como a espirituais, mas como a carnis, como a bebês em Cristo. Eu alimentei-vos com leite e não com alimento sólido, porque até agora não fostes capazes de suportar, nem mesmo agora sois capazes. Porque ainda sois carnis, pois, havendo entre vós inveja, contendas e divisões, não sois carnis e andais como os homens? (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1773,1774).

Há outro texto de Paulo sobre maturidade em Colossenses 1.28-29:

O qual pregamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo homem perfeito em Cristo Jesus; e para isto também trabalho, combatendo segundo a sua

eficácia, que opera em mim poderosamente. (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1866).

Ao analisar essa questão, compreendo que o crescimento da igreja não pode ser avaliado apenas por critérios quantitativos. Ainda que o aumento numérico seja significativo, ele não garante, por si só, o desenvolvimento espiritual dos membros. A preocupação levantada no texto, inclusive por líderes de contextos como o chinês, evidencia que a expansão sem aprofundamento pode resultar em uma fé frágil e pouco consistente.

À luz da Bíblia, entendo que a maturidade cristã constitui um elemento indispensável na vida da igreja. O ensino de Paulo de Tarso em 1 Coríntios 3:1-3, (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1773,1774). demonstra que a imaturidade espiritual se manifesta em atitudes como divisões e conflitos, revelando uma fé ainda não desenvolvida.

Por outro lado, em Colossenses 1.28-29, (Bíblia King James 1611, 2022, p. 1866), observa-se que o propósito do ministério cristão vai além da evangelização inicial, visando conduzir cada pessoa a um estágio de maturidade em Cristo.

Nesse sentido, ao dialogar com o autor, concluo que a ênfase não deve recair apenas no crescimento visível da igreja, mas principalmente na formação de discípulos comprometidos e espiritualmente maduros. Assim, o verdadeiro êxito do ministério cristão está na transformação progressiva da vida dos crentes, refletindo, de maneira concreta, o caráter de Cristo.

Considerações Finais

Ao concluir esta pesquisa, compreendo que o discipulado radical de Jesus não pode ser reduzido a uma prática religiosa superficial ou apenas teórica. Ao longo deste trabalho, percebi que o verdadeiro discipulado exige compromisso, transformação e disposição para viver segundo os ensinamentos de Cristo, mesmo diante das dificuldades e renúncias que esse caminho apresenta.

A análise bíblica realizada permitiu entender que o discipulado envolve uma relação contínua de aprendizagem, obediência e comunhão com Jesus. Mais do que adquirir conhecimento, o discípulo é chamado a refletir o caráter de Cristo em sua maneira de viver, servir, amar e se relacionar com as pessoas. Nesse sentido, compreendo que o discipulado verdadeiro produz transformação interior e também mudanças práticas na vida cotidiana.

As contribuições de John Stott e Jonas Madureira foram importantes para ampliar minha compreensão sobre os desafios do discipulado na atualidade. A partir de suas reflexões, percebi que muitas vezes existe um cristianismo marcado pela superficialidade, no qual há interesse em seguir Jesus, mas sem assumir plenamente o compromisso que Ele exige. Isso me levou a refletir sobre a necessidade de um discipulado mais profundo, consciente e comprometido com a Palavra de Deus.

O meu entendimento é que seguir Jesus envolve custos, renúncias e perseverança. Entretanto, compreendo que o discipulado radical não representa perda, mas transformação e crescimento espiritual. Acredito que a semelhança com Cristo deve ser o principal objetivo da vida cristã, sendo desenvolvida por meio da ação do Espírito Santo e da prática constante dos ensinamentos bíblicos.

A relevância desta pesquisa está na necessidade de resgatar a essência do discipulado cristão em um contexto marcado pela superficialidade da fé e pela valorização apenas de resultados numéricos. Este trabalho procura demonstrar que o discipulado bíblico continua sendo indispensável para a formação espiritual do cristão, para o fortalecimento da igreja e para a vivência prática dos ensinamentos de Jesus. Além disso, a pesquisa contribui para reflexões teológicas e ministeriais sobre a importância de formar discípulos comprometidos com Cristo, capazes de viver e testemunhar o Evangelho de maneira autêntica na sociedade contemporânea.

Por fim, concluo que esta pesquisa contribuiu significativamente para meu crescimento acadêmico, teológico e espiritual, permitindo uma compreensão mais ampla sobre a importância do discipulado cristão. Assim, considero que o discipulado radical continua sendo um chamado atual e necessário para todos aqueles que desejam viver uma fé autêntica, comprometida com Cristo e com os valores do Reino de Deus.

Referenciais bibliográficos

Bíblia King James 1611. Português. *Bíblia King James 1611: Estudo Holman*. Niterói, Rio de Janeiro: BV Books, 2022.

BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 10. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

FERREIRA, Franklin. *A Igreja Cristã: da origem à atualidade*. São Paulo: Vida Nova, 2012.

STOTT, John. *O discípulo radical*. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2011.

_____. *A Missão Cristã no Mundo Moderno*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

MADUREIRA, Jonas. *O custo do discipulado: a doutrina da imitação de Cristo*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2019.

WRIGHT, Christopher J. H. *A Missão de Deus: desvendando a grande narrativa da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2012.